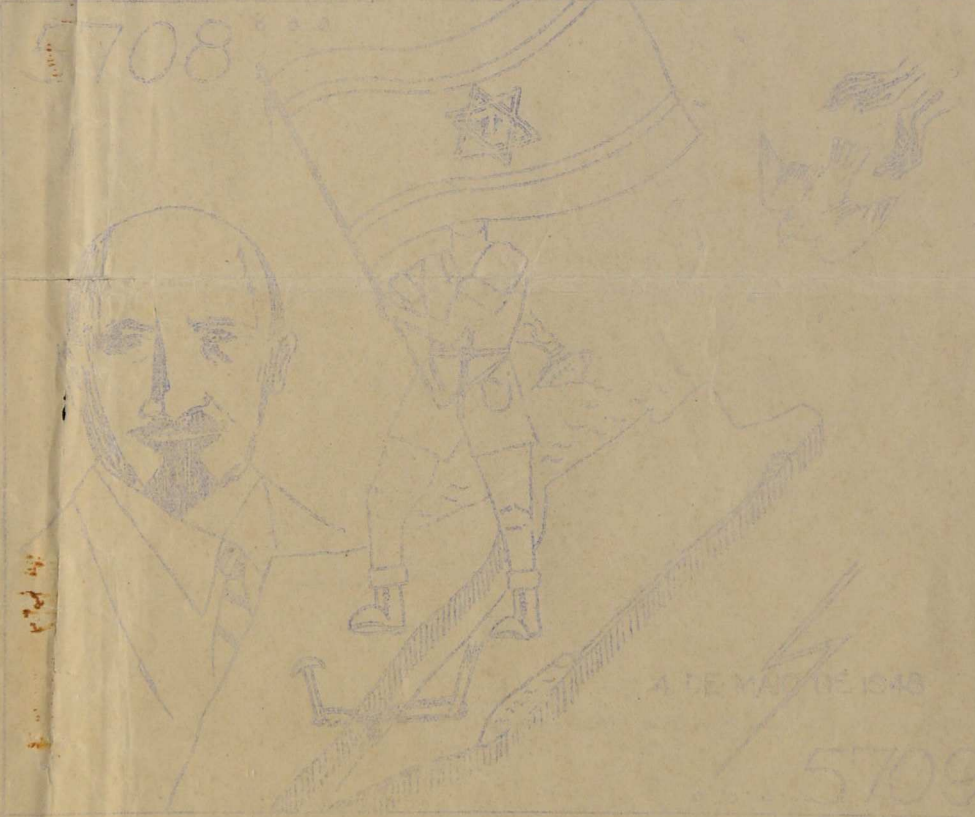


49

BOLETIM INFORMATIVO  
da "KVUTZA A D GORDON"  
DISTRIBUIÇÃO INTERNA

São Paulo 25 de Iyar de 5703 Ano I Nº2

5708



49

5709

1º ANIVERSARIO  
DE  
MEDINAT GORDON

EDITORIAL  
ATIVIDADES DA KVUTZÁ

Coincidiu a resolução da Mazkirut de fazer novamente cada kvutzá e ditar o seu jornal com uma série de novos eventos dentro da kvutzá A.D. Gordon. O jornal é um elemento que dá trabalho a uma kvutzá, e é só a custa do trabalho que uma kvutzá pode viver. Uma kvutzá pode existir só às custas de sichot e canções - é uma kvutzá latente; mas para viver, ter espírito, unidade de uma kvutzá latejante ela precisa trabalhar. O trabalho é o catalizador máximo e único que produz aquilo que podemos chamar de vida orgânica de uma kvutzá. E foi por isso que ainda antes de ter sido tomada a resolução acima mencionada pela Mazkirut, nós já havíamos delineado o nosso próprio plano de trabalho, no qual o jornal ficou em seu lugar devido: o último dos trabalhos. O jornal não deve passar de um espelho que reflita o que se passa dentro da kvutzá. Portanto o trabalho da kvutzá não deverá girar em torno do jornal e sim o jornal girar em torno do trabalho da kvutzá. E é isto o que estamos con-  
seguindo.

Numa Assefá do Vaad Hakvutzá foram debatidos os nossos problemas mais fundamentais e formuladas as propostas para as suas soluções. Estas foram apresentadas à kvutzá e uma vez aprovadas foram imediatamente postas em prática. Iniciamos um curso de trabalhos manuais. Sob a orientação do chaver Leão turco estamos apreendendo, por enquanto, a trabalhar em madeira. Não é o trabalho em madeira o principal; acima disto está o fato de estarmos apreendendo a usar as mãos: isto é o fundamental. Além disso temos seis chaverim que estão se aperfeiçoando tecnicamente em diversos cursos.

Transmitimos à Mazkirut por meio de nosso Madrich um pedido exigido do trabalho. Estamos dispostos a cumprir e arquitetar todo o trabalho que haja ou que deva haver. Este, de um lado, é nosso dever e cumpri-lo-emos; do outro, é para nós um bem e aproveitá-lo-emos. Iniciando o trabalho confeccionamos a bandeira do Dror para o desfile do Pacaembu em comemoração ao primeiro aniversário da proclamação de Medinat Israel. Estamos aguardando o início de um trabalho mais constante.

Nas sichot introduzimos novamente o nosso antigo sistema: as sichot voltarão a ser dadas pelos próprios chaverim da kvutzá em rodísio. Este sistema é o mais profícuo uma vez que os chaverim, ao menos os que preparam as sichot, aprendem mais e que suscitam mais debates. Trataremos também, doravante, de apreender ao menos uma canção nova em cada assefá.

Mais ainda que o jornal, é o Ioman o verdadeiro espelho da kvutzá. Nêle os chaverim inserem, sem temor algum, todas as suas objeções, críticas, dúvidas; nêle levantam-se todos os problemas relativos à kvutzá. Escrito em rodísio é ele, além do mais, o espelho de cada chaver.

Iniciamos também as nossas aulas de ivrit. Os chaverim procurarão assim apreender com o maior afinco possível a nossa língua milenar e na certa desde logo passarão a "matá-la" em seus primeiros exercícios.

Cada um dos tópicos é um trabalho, um trabalho em comum. Os seus frutos já estão sendo sentidos. Conseguimos tornar-nos uma kvutzá viva, e o reflexo de nosso estado atual é o presente jornal. E é também em consequência de nosso estado atual que o problema Hachshará vem tomando feições especiais que vão além dos três mil crúzels feitos pela kvutzá... Sentimos, talvez por motivos materiais, que a Hachshará é algo para o que todos os nossos esforços são pequenos - estamos a ela muito próximos espiritual e realmente. Todos os chaverim já tomaram sua decisão e garin mais, garin menos todos nós passaremos por ela.

Devido especialmente aos chaverim que estudam em seus cursos profissionais (só temos duas chaverot "estudantes" de colégio) e aos horários das asseifot das kvutzot dos três madrichim que demos ao movimento tornou-se difícil achar um horário que servisse para todos. Ainda assim, com alguns sacrifícios mínimos, nós o conseguimos. À noite, os chaverim que têm tempo livre vão à sede onde sempre se encontra de 4 a 9 chaverim da kvutzá. Este convívio per se contribui muito para a vida, e es-

(Cont. na pg. 3)

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE MEDINAT ISRAEL

Tremula uma bandeira; mais uma entre as de todas nações. E, suavemente levada pelo vento amigo, quantas cousas dá-nos conta; quantas histórias essencialmente humanas da vida daqueles a quem pertence, das passagens que presenciou, das vidas que viu tombar, das outras que viu nascer... Dos pioneiros que a ergueram, dos biluim, dos choquei-sionistas de Herzl, do ideal sionista, de tantos trabalhadores anônimos, dos chaltzim, desde o gueto de Varsóvia até as trincheiras de Jerusalém. É a bandeira de Israel. A bandeira de um povo que entre sofrimentos, privações, dores, perseguições e desgraças, desprezado e malquisto, manteve bem alto e sempre vivo o desejo que herdara através das gerações: ver realizada a justiça humana. Sim, o mundo precisava demonstrar que não desaparecera de todo este sentimento da face da terra. O povo de Israel como todos os demais, tinha direito a uma pátria onde pudesse desenvolver suas faculdades criadoras, livre dos tormentos mesquinhos que afligem a humanidade em sua sede por luta, por sangue, por guerras, que são o sinônimo de atraso e degradação. Uma pátria onde o trabalho são, digno, atado se sublevasse; onde todos fruissem dos mesmos direitos como homens igualmente aptos e capazes. Uma vez ao menos poderá o mundo não baixar a cabeça, mas gritar bem alto: "justiça foi feita". Mais um pendão tremula entre os outros. Um pendão jovem, tão jovem quanto velho e o povo a quem pertence. Um pendão jovem aos olhos do mundo; porém, velho e secular no coração de seus filhos. Pendão de uma pátria que comemora neste 5 de Iyar seu primeiro aniversário, como povo reconhecidamente livre diante dos homens, firmando assim uma tão ansiosa realidade.

VIVA O ESTADO DE ISRAEL!

NOTA: Em São Paulo a comemoração do primeiro aniversário de Medinat Israel tomou um decore especial na manifestação feita no Ginásio do Pacaembu. Animadas e alentadas pelos chaverim da Tnuá que ali estavam presentes, em pleno salão, sobre as escadarias das gerais, por toda parte irromperam as hoiras que com o seu poder magnético atraíram também os mais velhos aumentando, assim, progressivamente o número dos "círculos rodantes". Sem dúvida, grande expressão de entusiasmo e alegria. Sem dúvida, expressão real do espírito dos chaverim!

2

Editorial...

(Cont. da pg. anterior)

peramos que ele aumentará immanado pelo trabalho que começaremos a fazer desde logo.

Outra consequência da falta de horário comum foi a escassez de tiulim e haflagot. Isto tem nos trazido uma deficiência, que embora não seja demasiadamente sentida por estarmos com o espírito relativamente sólido, contribuiria infinitamente para melhorar a qualidade do betún de nosso alicerse.

É sob o signo de procurar melhorar o que já é por quasi todos, menos por nós, considerado bom, que está sendo editado o AM VAARETZ Nº 2.

Esperamos ter dado a todos uma visão clara do que seja a kvutzá A. D. Gordon no momento atual. Esperamos igualmente que outras kvutzot possam debater os métodos por nós adotados e proporcionar-nos ocasiões de discutir os seus.

2

MAPAI É O PARTIDO DA LUTA E CONSTRUÇÃO JUDAICA. DURANTE 40 ANOS DIRIGIU E AINDA ESTÁ DIRIGINDO A MARCHA ASCENDENTE DA CLASSE OBREIRA JUDAICA PARA UMA SOCIEDADE SOCIALISTA.

FUNDAÇÃO DO POALEI SION  
(Antecedentes históricos)

A fundação do Poalei Sion, em 1907, foi consequência de uma série de antecedentes históricos, que procuraremos estudar sob o prisma econômico, partindo das mudanças resultantes da introdução, no século XIX, do sistema econômico capitalista.

A Revolução Francesa foi o ato final da dissolução da sociedade feudal. O novo sistema econômico, o capitalismo, com sua classe representativa, a burguesia, foi-se espalhando pela Europa com ímpeto crescente, à medida que iam surgindo as novas descobertas mecânicas, da estrada de ferro às grandes máquinas fabris. Facilitam-se as comunicações, aperfeiçoam-se os métodos de produção, surge a indústria moderna, quer com os bens acumulados pelos burgueses citadinos, quer com os capitais dos antigos feudos, cujos possuidores mudam de aristocratas para industriais; atraídas pelas novas possibilidades, as massas camponesas afluem às cidades, forma-se o proletariado.

Nos meios judaicos, é sensível a influência do novo estado de coisas. Na época pré-capitalista, os judeus possuíam o monopólio das posições intermediárias; são pequenos comerciantes, cuidam do crédito e intercâmbio, são administradores, arrendatários, intermediários entre as fazendas e os mercados do consumo, etc. Apesar de algumas diferenças econômicas, é forte entre eles a unidade e a igualdade religiosa.

Com a vinda do capitalismo, abre-se um vasto campo de exploração comercial para as classes abastadas. Industrializa-se o capital judeu acumulado, nascendo a moderna burguesia judaica. Inicia-se a diferenciação social para com os judeus mais pobres; surge uma aguda concorrência comercial entre os produtores judeus e seus correspondentes cristãos.

A grande massa judaica, porém, está em posição bem menos favorável. Estreitam-se os ramos mercantis e intermediários, pois parte do campesinato vem à cidade, ocupa os lugares intermediários e o pequeno comércio. Com a saturação destas posições, aparecem os surtos anti-semitas. Perante a necessidade de achar novas bases econômicas, grande parte da massa judaica volta às ocupações de antes de sair do Gueto, tornam-se novamente alfaiates, padeiros, açougueiros, etc. Nasce um artesanato judeu, há produtividade, mas não há proletarianização. Porquê?

Do ponto de vista psicológico, é mais fácil ao comerciante tornar-se artesão que operário. Além disso, os judeus não interessam à grande indústria, pois são mais fracos que os camponeses, necessitam e exigem mais que estes, às vezes não trabalham aos sábados, etc. Há, porém, outro motivo, mais trágico:

Como defesa contra a concorrência cristã, que usa o fator nacionalista na luta econômica, a alta burguesia judaica produz sua própria ideologia: a assimilação. O industrial judeu procura, de todas as maneiras, esconder sua origem. Por isso, para não se revelar, não aceita o trabalhador judeu nas suas fábricas. O mesmo não é aceito nas cristãs por causas nacionalistas.

O pequeno proletariado judeu que consegue se formar, se torna, em consequência, ultra-revolucionário, ativo e bem organizado. Não acredita na massa judaica artesã, pois não encontra nela força ativa para a luta vital, sob seus pés não vê uma base econômica firme. Confia plenamente na revolução social; não admite o galut em seu sentido oposto, i. e., não existe diáspora, existem apenas lutas de classes, sem missão específica para o socialismo judeu. E em 1897 funda seu partido, o Bund, expressão concreta da sua ideologia, cuja única missão é a revolução do proletariado.

Também surge uma ideologia específica na ampla massa de pequenos burgueses judeus. Insatisfeitos economicamente, sob perseguições anti-semitas, revivem o sonho milenar de retorno a Sion. Sentem uma vaga necessidade de posições econômicas firmes, na terra; surgem os chovevei-sion e os biluim. As bases de sua ideologia, ao contrário da dos proletários judeus, são negativas. Não acreditam em melhoras no Galut, des-

(Cont. na pg. seg.)

Fundação do Poalei...

(Cont. da pg. anterior)

crêm das próprias forças, não confiam em revoluções sociais. Criticam os revolucionários judeus, que sob pretexto de pretensas divisões classistas, dispensam as forças judias do único fim verdadeiro: o sionismo. Pessimistas em relação à diáspora, falta-lhes a apreciação da missão e da luta nacional nos países galuticos. No mesmo ano do Bund, 1897, concretizam seus princípios no Congresso Sionista.

As duas organizações, o Bund e o Congresso Sionista, ambos representando classes com interesses opostos, mostraram-se, desde logo, ferrenhos adversários. Mas apareceram homens que perceberam a disparidade da oposição, pois sentem as duas idéias dentro de si, em seu íntimo os dois ideais se unem e amalgamam. Não seria possível, surge a pergunta, unir harmonicamente as duas idéias, o pensamento socialista da libertação humana do jugo econômico, o pensamento sionista do renascimento nacional do povo judeu? Afastar das duas grandes esperanças os seus aspectos estreitos, aplinar as arestas que se chocam, resultados do fato de representarem classes sociais diferentes?

Produto daquele ambiente de angústia moral que se forma quando há sentimentos mas não há ideologias, vão surgindo os grandes teóricos da amalgamação sionista e socialista, do Poalei Sionismo. Ber Borochov, que penetra profundamente no problema judeu, estudando-o cientificamente através de prismas econômicos, esclarecendo a dinâmica histórica judaica; Chaim Ghitlowsky, que lança novas luzes sobre o problema das nacionalidades e finalmente Nachman Sirkin, que cobre o abismo moral entre o sionismo e o socialismo, são os arquitetos principais da ideia poalei-sionista.

O poalei-sionismo liberta o socialismo judeu da oposição ao sionismo, pois baseado nos novos conceitos nacionalistas, mostra-lhe que o sionismo é justamente o caminho que deve trilhar para atingir seus fins. É liberta o sionismo das restrições oriundas do fato de ser ideologia de uma determinada classe, a pequena burguesia; faz com que não mais se oponha ao ideal de libertação humana; que abandone a atitude negativa e descrente em relação às melhoras no galut, modifica a sua indiferença perante as lutas político-sociais. No terreno teórico-ideológico, o poalei-sionismo dá logo provas de sua vitalidade, produzindo uma literatura própria, rica e original, que substituiu tanto os lamentos pequenos-burgueses dos sionistas sobre a má sorte dos judeus, como as simples traduções para o idish, sem quaisquer idéias próprias, dos adeptos do Bund.

Por fim, em agosto de 1907, na Áustria, forma-se a coligação mundial do Poalei Sion, representando partidos poalei-sionistas de cerca de 10 países. Significativas são do ponto de vista de legitimidade e força da ideia poalei-sionista, os primeiros trabalhos do jovem partido que sem se perder em desvaneios ideológicos, dedicou-se, desde os primeiros dias de sua existência, a um trabalho prático e realizador, dentro de seu vasto campo de ação. Tomou parte revelante nas lutas sociais na Áustria e na Rússia. Após o fracasso da revolução russa, seus melhores elementos irão constituir parte importante da segunda alia, como Ben-Gurion, Ben-Zvi, Shochet, Katzenelson, etc. Nos primeiros anos já combatem pelas realizações práticas em Eretz, pela colonização coletiva; já colocam as bases da futura Histadrut, formam os primeiros grupos de auto-defesa.

O Poalei Sion soube adotar com firmeza, sem perder de vista seus fundamentos ideológicos, todas as variações táticas impostas pelas circunstâncias vitais, afastando de si as atitudes ideológicas vacilantes ou flutuantes, puramente intelectualistas, sem ligação de fato com a realidade.

A identificação entre a obra do Poalei-Sion e de seus homens, com a reconstrução de Eretz, é a melhor palavra final que podemos apresentar sobre o acerto das idéias sionistas-socialistas.

MAPAI CRÉ NUM ESTADO JUDEU SOCIALISTA EM NOSSOS DIAS!

## H A G A N Á

## SUA ORIGEM -- SEU DESENVOLVIMENTO

Há 4 anos, no mês de Iyar de 5705, falecia Eliyahu Golomb, a quem este artigo é dedicado. Nascido na Rússia em 1893, chegou a Israel em 1910 ingressando no Liceu Hertzlia. Foi membro sucessivamente do exército turco e da Legião Judaica. Em 1920 juntamente com Dov Hoz e Shertok influenciou muito o movimento operário de Eretz. Foi membro da kvutzá Kineret e um dos fundadores de Ein Charod. Trabalhou muito para a criação da Histadrut. Foi delegado pelo MAPAI no Vaad Leumi. Acima de tudo, porém, Golomb destacou-se no período entre as duas guerras no trabalho de organização da auto defesa judaica. E mais do que as palavras, os próprios feitos da Haganá são testemunhos de sua grandeza.

Haganá, palavra hebraica significando defesa, é o nome da força defensiva judaica de Israel. É originária diretamente dos grupos defensivos estabelecidos pelas colônias desde 1870 e, mais tarde, dos guardas judeus - o Hashomer - em 1907.

Sobre os primeiros grupos temos as anotações de Rabi Akiva Iosef Schlesinger de Jerusalém que propôs um plano de defesa constituído de duas seções: uma guarnição fixa que se chamaria "Guardas de Deus" e a outra, uma guarnição agrícola, - "Guerreiros de Deus".

A primeira colônia que viu claramente a necessidade do estabelecimento de uma força defensiva foi Petach Tikva. Os seus elementos eram membros da "Haluka" que vieram a Eretz por razões religiosas vivendo do dinheiro que lhes era enviado caridosamente do Galut. Estabeleceram-se primeiro em Jerusalém mas, vendo a situação ali reinante - a falta de pendência de caridade -, começaram a sonhar com a fundação de colônias onde pudessem manter-se sozinhos com o próprio trabalho. Foram judeus deste tipo que fundaram Petach Tikva e que estabeleceram as bases da defesa das primeiras colônias judias em Israel. Stemper, um de seus fundadores foi a alma deste início de defesa.

Conseguindo anular os ataques beduínos outras colônias foram se fundando. Em 1886, Michel Halperin, um dos fundadores de Nes Ziona, idealizou uma nova forma de proteção. Seu projeto era de estabelecer uma força regular que não só defenderia as colônias mas também deveria conquistar toda Eretz Israel. Fundou então duas sociedades, uma econômica e outra política. A primeira chamou-se "Sociedade dos trabalhadores" e a outra "Organização dos dez". No entanto, estas corporações não tiveram grande duração.

Mais tarde, com a imigração dos judeus principalmente da Rússia, modificou-se o sistema de defesa, tornando-se mais amplo. Surgiu então o Hashomer (1907). Muitos dos atuais líderes judeus integraram suas fileiras; por exemplo, Ben Gurion.

A forma original do Hashomer tornava-o um grupo de elite que poderia torná-lo no futuro um grupo dominante. Porém, alguns de seus membros como Eliahu Golomb e Dov Hoz, que fizeram parte da Legião Judaica, lutaram e conseguiram reformar a estrutura do Hashomer, transformando-o de uma força de elite em uma força democrática - a Haganá.

Nesta época Israel passou do domínio turco para o inglês e a administração britânica nada fez para manter a ordem e a lei. Na verdade, as autoridades britânicas exigiram dos judeus as suas armas prometendo manter a ordem. Os resultados, porém, não se fizeram esperar. Em 1920-21, além dos eyentos de Tel Chai, surgiram violentos ataques árabes em Tafa e Jerusalem onde muitos judeus perderam a vida.

Em 1929, a Haganá já provou a sua eficácia durante os sangrentos ataques árabes às colônias e subúrbios das cidades judias. Nos anos seguintes ela cresceu e expandiu-se ainda mais, embora na ilegalidade. A administração britânica mostrava-se hostil. Mas a Haganá estava sob a direção de homens como Eliyahu Golomb que souberam, recrutando elemen-

(Cont. na pg. 7)

A FESTA DE ANIVERSÁRIO DA GVAT

Após espalhafatosos anúncios, chegou o tão esperado dia da não me nos esperada festa da Gvat. A afluência foi muito boa. Logo à entrada, nos primeiros degraus, processou-se uma coleta de cigarros para a Hachshara. Ideia muito feliz mas que trouxe sombrios prenúncios de que grandes "facadas" seriam dadas mais acima. Nada, porém, houve de assustador além das infalíveis fitinhas e rifas. É, porém, necessário abrir um parêntesis e esclarecer que o dinheiro recolhido serviu somente para ser doado ao K.K.L. e para cobrir as despesas que a Gvat teve com os bonbons e prendas que seriam distribuídas. Mais adiante, fantasmagóricos anúncios prometendo surpresas e arrepios. De fato... "Frankensteins" não faltaram.

Para surpresa de todos, com relativa pontualidade iniciou-se a festa. Como apresentação falou o chaver Shazzan o qual falou muito bem mas um "pouco" apressadamente. A seguir ouviu-se a chaverá Hana que em palavras simples mas comoventes despediu-se de sua kvutzá. Apareceu em seguida o prezado Richard. Não sei ainda se ele foi orador ou se o espetáculo humorístico tinha sido iniciado. Fazendo "quadradinhos" e postando-se à la Napoleão, começou a matraquear. Felizes aqueles que conseguiram pegar no sono! Finalmente apareceu o Valter e... vai começar a inana! Seguiu-se uma série de piadinhas um tanto conhecidas e que conseguiram prender a atenção da criançada que esteve presente. Realizaram-se sorteios de valiosos brindes entre os quais um de "pesado" valia um tijolo...

A festinha da Gvat, apesar de alguns doentinhos do fígado dela não terem gostado, obteve o fim desejado. Foi um reflexo do forte espírito de união e chalutzianismo que envolve e impregna seus componentes. Foi graças a este fator que a Gvat venceu muitas dificuldades, transpôs muitas barreiras e desobstruiu caminhos, erguendo-se finalmente e tornando-se o que é hoje: uma das mais belas kvutzot do movimento. Bela por sua união, bela por seu espírito e bela por sua fibra que tantas adversidades venceu.

Parabéns, Gvat! Sempre adiante! Continuem seguindo vosso caminho e que para breve vossos aniversários sejam comemorados em Hachsharot e em Eretz.

2

Haganá...

(Cont. da pg. anterior)

tos das camadas populares, sobrepujou a vigilância e severidade britânica, devido a seu espírito e consciência nacional.

Em 1936, as colônias judias estendiam-se por todo o comprimento e largura de Eretz, estando algumas inteiramente isoladas. No entanto, resistiram galhardamente aos ataques dos sectários do então Mufti de Jerusalém, não perdendo sequer uma colônia - isto graças ao treinamento e às armas que receberam clandestinamente da Haganá.

Com a chegada do General Wingate, organizaram-se grupos de jovens da Haganá, principalmente da Galiléia, que junto com as tropas inglesas se salientaram em 1937-8 na defesa do oleoduto Irak-Haifa, atacado por grupos de beduínos que provinham, geralmente, da Síria. Mais tarde organizou-se a resistência construtiva. Um exemplo prático podemos ver com o ataque da Haganá ao campo de internamento de Athlit para "ilegais" judeus. Neutralizando, numa ação rápida, os guardas ingleses, libertou 200 "ilegais" sem derramar sequer uma gota de sangue. Também nesta época, a Haganá começou transportar ilegais para Israel. Somente em 17 meses, 28 navios da Haganá com 27.300 "ilegais" foram interceptados pelos ingleses, fora os navios que conseguiram burlar a vigilância e bloqueio britânico.

Com o surgimento de Medinat Israel, vemos a passagem da Haganá da clandestinidade para a legalidade, tornando-se o cerne do atual Exército de Defesa de Israel que com tanta bravura se bateu.

"

PROBLEMAS E ATIVIDADES DO MOVIMENTO

Com a aproximação do mês de Julho entraremos em grandes atividades devido a uma série de realizações.

Iniciando teremos a Moshava-Seminário que deverá ser orientada pelo chaver Neguev. A importância desta Moshava é que ela servirá para solidificar e cimentar as bases ideológicas de nosso movimento, já que ela se destina especialmente para madrichim e menaholim.

Ao mesmo tempo deverá-se-a realizar o 3º Kinus Artzi do Movimento, onde deverão ser discutidos problemas relativos à Tnuá, realizações tais como formação do 2º Garin, Aliá, etc., programas e eleição da nova Lishká.

Logo após o Kinus haverá a eleição da nova Mazkirut do Snif São Paulo, a qual nos irá dirigir por mais um período de um ano; esperamos que não aconteça o que aconteceu nas "eleições" anteriores, pois tais fatos desagradaram a muitos chaverim e causaram uma péssima impressão em todos (embora possamos estar de acordo que tal método tivesse sido necessário no momento).

Com a eleição da nova Mazkirut, deverá-se-a formar o Grupo Sirkin, necessidade que todos conhecemos para aqueles que por motivos alheios à sua vontade não podem, por ora, ir a Eretz.

Por fim, como uma das últimas realizações desta etapa, deverá ser formado o 2º Garin em agosto. Temos a impressão que esta formação irá trazer sérias dores de cabeça à nova Mazkirut eleita, devido ao grande número de pretendentes. Esperamos que a nova Mazkirut se saia bem de tão difícil mister e que saiba julgar devidamente cada caso.

O enorme desenvolvimento do movimento em São Paulo tomou-nos de surpresa; de um momento para o outro achamo-nos com falta de madrichim sem podermos encontrar algum meio para sanar essa falta. Esperamos com a maior brevidade possível extirpar esta escassez, talvez explorando as minas ocultas que devemos ter em nosso movimento para que cerrem fileiras nos chugim de Tzofim e Bonim, shchavot-base da Tnuá, principalmente em São Paulo.

%

OS FUNDAMENTOS FORAM BEM COLOCADOS. MAPAI NÃO OS FEZ SÓZINHO. MAS, ASSISTIDO POR OUTROS QUE, ÀS VEZES VOLUNTARIAMENTE, OUTRAS MESMO CONTRA A SUA VONTADE, O SEGUIRAM, ELE DIRIGIU A LUTA PELA LIBERTAÇÃO. MAPAI CONTINUA AFIM DE DIRIGIR A LUTA PARA A COMPLETA INDEPENDÊNCIA JUDAICA. ELE LEVANTOU A BANDEIRA DO ESTADO JUDEU, NEM UM MOMENTO DEPOIS QUE DEIXARA DE SER UM DESEJO, NEM UM MOMENTO ANTES QUE SE CONVERTERA EM UMA REALIDADE POLITICA. ENQUANTO OS DEMAIS, PRINCIPALMENTE OS CAMPEÕES DO REVISIONISMO, PERMANECERAM À MARGEM DURANTE 4 LUSOS, SOLTANDO CONSIGNAS GRANDILOQUENTES SEM MANCHAR-SE AS MÃOS NO TRABALHO DURO E SUJO, NÓS ESTÁVAMOS OCUPADOS, ERIGINDO AS BASES SUBTERRÂNEAS DO ESTADO JUDEU, ESTABELECENDO COLÔNIAS QUE PROVARAM SER DE GRANDE VALOR ESTRATÉGICO NESTA GUERRA, CONSTRUINDO A PONTE HUMANA PARA OS SOBREVIVENTES DO MASSACRE EUROPEU, POR MEIO DA IMIGRAÇÃO ILEGAL, E FINALMENTE ORGANIZANDO AS FORÇAS DA RESISTÊNCIA SUBTERRÂNEA E DEPOIS ABERTA, CONTRA O EXÉRCITO E A ADMINISTRAÇÃO BRITÂNICA.

%

PAZ COM TODAS AS NAÇÕES QUE ASSIM O DESEJAREM; ESTA É A BASE DE NOSSA POLÍTICA EXTERIOR, NOSSA CONCEPÇÃO SOCIALISTA, NOSSA CRENÇA NA ABSOLUTA NECESSIDADE DA PAZ INTERNACIONAL, OBRIGA-NOS A MANTER-SE AFASTADOS DAS INTRIGAS EXISTENTES ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS. SERIA INSESATO, POR MUITAS RAZÕES, LIGARMO-NOS A UM DOS BLOCOS QUE COMPETEM A SUPREMACIA MUNDIAL. SERIA UMA FALTA COMPLETA DE RESPONSABILIDADE, EM RELAÇÃO ÀS NECESSIDADES E ESPERANÇAS DO POVO JUDEU.

%



O CAMPO ARADO

Asher Barash, autor deste conto, comemora este ano o seu sexagésimo aniversário. Data festiva para a literatura hebraica, cujo festejado é um de seus melhores produtores em nossa geração, há mais de 40 anos. Em suas descrições artísticas as personagens representam principalmente os judeus e seus vizinhos na Gôlá e os judeus em sua nova fase sobre solo pátrio. Membro da segunda Aliá, reside em Eretz desde 1914 influenciando em sua vida coletiva e cultural como um artístico escritor e como editor, como professor e como o homem público.

Iair Hashimshi, filho de camponeses e chaver de um novo Moshav no Emek, saiu ao despertar da alvorada para arar o seu campo. Até então permaneceu com sua carabina na trincheira, sob o céu estrelado, e quando entregou a carabina a um outro chaver que veio substituí-lo, correu para o seu quintal, afim de pegar o cavalo e o arado. Ele arará duas horas, pois o campo é pequeno, e quando vier a manhã acabará sua lavoura e voltará ao acampamento para junto de Chemdá, sua esposa, mulher trabalhadora, assim como se ele tivesse voltado da guarda noturna para o descanso. Inclinado sobre os braços do arado para separar bem a terra com o peso de seu corpo, Iair andou na plataforma, mas quando ele ergueu a cabeça não mais pôde abaixar os olhos, extasiado pela cena do alvorecer. O sol subiu no horizonte longínquo, sobre os montes, e subindo rompia incessantemente a nuvem rósea e límpida e o astro-rei começou a iluminar os planaltos da terra. Bandos de pássaros húmidos de orvalho desceram às terras reviradas, se levantaram e voaram tortuosos nas ondas do ar e cantando alegremente, receberam o dia que surgia. Nas algibes da fossa que ainda não fora aberta brilha vam milhares de raios luminosos. A mata virgem que despertou da friagem da noite espalhava um ténue perfume. Iair Hashimshi sentiu que também em seu coração esvai-se a nuvem que lhe introduziram os sangrentos dias e que um sol de grande alegria se eleva nêle. A mulher com a qual se casou há oito meses dorme agora em sua cama, a cama de ferro, e em suas entranhas se completa o esboço de seu descendente. Ela é forte, sincera e acostumada ao trabalho e à pobreza. Do Galil Superior, de uma pobre choupana de camponeses éle a levou e a trouxe ao novo Moshav. Ontem veio a sua irmã mais velha, para ficar com ela até após o parto, e ela trabalha somente em trabalhos fáceis na casa e no quintal. Quando Chemdá for enviada à maternidade para parir, a irmã terá todo o trabalho. A mulher é viúva, pois seu marido foi morto no campo, no primeiro mês de sua vida conjugal, viúva e solitária, mas portadora de uma grande fé. Quer seja o filho homem ou mulher, o nome já está assentado entre os três - um nome novo e canoro, tal qual o canto do pássaro ao alvorecer. Só mais um mês. E faltando ainda para Iair Hashimshi um terço do campo diante do sol nascente, estourou um tiro reboante do esconderijo e varou seu dorso. A bala lhe saiu pelo peito batendo no ferro do arado. Iair caiu sobre o arado, entre suas duas mãos éle caiu, e o cavalo parou de ouxar, eriçou as suas curtas orelhas e petrificou-se no lugar tal qual a estátua do escultor. O estampido duplo do tiro fez todo o Moshav acorrer ao local do desastre. Entre eles estavam os quatro carabineiros da Guarda Noturna, e um dos quatro era aquele que tomou a carabina de Iair na terceira Ashmorá. De pois de o terem levantado e deitado sobre a terra, os homens ajoelharam-se e ouviram-lhe o coração. Alguém tirou um fio de lã, fino como um fio de cabelo, e pô-lo sob o nariz do assassinado. O fio não se moveu. Então os homens se ergueram e ficaram quédos em volta de seu companheiro morto; suas faces pareciam pedras. As lágrimas solidificaram-se em seus olhos e os lábios se apertaram. Depois viraram o arado, cortaram uns ramos verdes da árvore próxima, estenderam os ramos só-

(Cont. na pg.10)

O campo...

(Cont. da pg. anterior)

bre o arado e depositaram o corpo morto sobre os galhos vivos. O cavalo arrancou seus pés e dirigiu-se aos quintais do Moshav, a cabeça curvada sobre o peito, puxando comovido e sentido o fardo de seu querido dono. Ao pôr do sol, quando soprava o vento do entardecer, realizou-se o enterro. Dos moshavim e dos kibutzim muitos vieram acompanhar Iair Hashimshi que caiu vítima sobre o seu arado. Olho jamais viu tal desfile silencioso. Todo o vale parecia ter contido a respiração. Os montes vestiram um manto vermelho. A primeira cova foi hoje aberta no lugar destinado a ser ponto de reunião para todos os vivos. Foram ditas algumas palavras de indignação, foram sussurados alguns soluços de dor. Chemdá, a grávida, fez ouvir um grito rápido e não continuou, pois sua irmã pôs-lhe a palma da mão sobre a boca. Quietos e abatidos voltaram os acompanhadores para os seus lugares. Só os quatro carabinieri andaram na extremidade do caminho, a passo certo e de cabeça erguida, tal como os ensinaram. O sol, ao deitar-se, beijou a cova húmida e solitária, e o vento do anoitecer acariciou-a amorosamente. Uma pequena estrelinha foi acesa à alma.

Na noite seguinte, as duas irmãs deitaram-se na cama de ferro do quarto enlutado. Só após a meia noite adormeceram o seu sono. E com a primeira luz que espiou pela janela, cuja veneziana não havia sido fechada, Chemdá despertou e acordou a sua irmã que estava a seu lado: .. - Não escutaste nada? Parece-me que o cavalo saiu do quintal puxando o arado... - Chemdá, minha Chemdá, que tens? Volta a teu repouso; certamente sonhaste. Após algum tempo Chemdá moveu novamente o ombro: - O que, também agora não ouviste? O cavalo voltou ao quintal... A luz já acinzentava toda a esquadria da janela na parede da barraca. A irmã desceu da cama - já subiu o sol. É preciso ordenhar a vaca. É preciso alimentar as galinhas. Chemdá permaneceu deitada de costas fixando o olhar no fôro escuro. Quando a irmã passou pelo quintal viu o arado em seu lugar. Mas os quatro quartos de seu coração batiam dentro dela vigorosamente, e ela não pôde abster-se de ir ver o cavalo. Antes de ir ao estábulo dirigiu-se à cocheira. A luz do raio que avermelhava pela porta viu para o seu espanto: uma espuma branca cobria o cavalo que tremia e respirava fortemente. Ela pôs a mão sobre o seu lombo: a mão humedeceu-se da espuma quente.

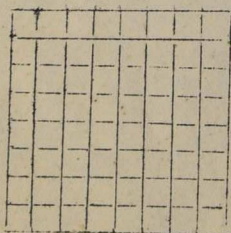
De manhã, encontrou-se o campo de Iair Hashimshi inteiramente arado.

E ninguém não sabe até hoje quem completou o trabalho.

(Tradução da Kvutzá A.D.G.)

Figurinhas difíceis...

Rodapé.



Que é isto?  
 Poderia ser um Fritz, um Heinz,  
 um Kurt, um Frantz, um Richard, um  
 Peter, um Sigfried, um Herbert...  
 Tomemos por exemplo um Richard.

As idéias que emitimos encerram-se num quadrado. O quadrado total é o nosso pensamento. O nosso pensamento está inserido em quadradinhos. Os nossos quadradinhos formam o quadrado total acima mencionado. O caso é que os quadradinhos têm o poder de se superpor. Então, podemos formar uma grande pirâmide de quadradinhos. Isto é um discurso. O discurso pode ser bom ou mal.

(Cont. na pg. 14)

### CHAIM ARLOSOROFF

Foi um dos maiores homens do novo Estado Judeu que surgia. Nasceu em fevereiro de 1899 na cidade de Romni, Rússia Branca. Educou-se num meio bastante tradicional e intelectual; seu avô, rabino, seu pai, Maskil e sua mãe, filha de um influente juiz de sua cidade natal, muito o influenciaram.

Adquiriu, assim, uma vasta cultura; ainda muito jovem já era poeta, economista, diplomata e político. Aos 20 anos de idade fundou na Europa o partido HAPOL HATZAIR (O Jovem Obreiro) e mais tarde o HITACHDUT (Unidade). Em 1931 estes dois partidos se fundem com o movimento Poalei Sionista formando o MAPAI que é conhecido mundialmente como: Poalei Sion-Hitachdut. Com 22 anos já fazia parte do Executivo Sionista.

Em 1924 fixa residência em Eretz Israel, adquirindo ali, apesar de sua juventude, extraordinário relevo no movimento obreiro e na política internacional judaica, destacando-se, sobretudo, por sua influência no mundo árabe. Em 1931, com 32 anos, foi eleito como chefe do Departamento Político da Agência Judaica. Criou neste cargo a comissão política que seria no futuro o Ministério das Relações Exteriores. Era então seu secretário Moshe Shertok (Sharet), hoje ministro desta pasta.

Pouco tempo depois, os revisionistas abandonam a Organização Sionista Mundial. Isto acontece ao mesmo tempo que na Europa o terror nazifacista surge, perseguindo milhares de judeus. Chaim Arlosoroff prevê o perigo e tudo faz para salvar vidas e fortunas judaicas das mãos assassinas.

Em 1933, quando passeava pelas praias de Tel Aviv, foi traiçoeiramente assassinado. No processo vários revisionistas foram julgados e absolvidos pelo tribunal britânico. 15 anos após sua morte o assassino, que era conhecido por todos, morreu fazendo parte do grupo da Irgun Zvai Leumi que se rebelaram contra o exército no acidente da Altalana.

Chaim Arlosoroff foi socialista teórico mais também prático. Procurou realizar todas as suas idéias e não somente teorizá-las. A seguir daremos vários trechos que possam demonstrar as suas idéias nos setores econômico, social e político do reerguimento nacional de nosso povo.

#### O nacionalismo judeu e o sionismo

O ressurgimento do povo judeu é feito graças ao sionismo. Em redor dele reúnem-se as amplas massas do Galut. Ele terá, portanto, o dever de dirigi-lo e organizá-lo. Sob o estandarte do sionismo, a principal parte de nossa juventude - e acompanhá-los-ão também milhares de nossos velhos - voltarão a renovada terra de nossos antepassados, a fim de construir uma pátria nova para a nação.

O Estado Judeu será criado e existirá - quanto a isto não há a menor dúvida, mas ainda não está claro de que maneira ele será criado. Já é hora de ser dito claramente: o sionismo que não se apoia na massa popular dos trabalhadores é perdido. O sionismo que tem em mente incluí-los deverá cuidar para que tanto o lar em Eretz Israel quanto o ressurgimento das ruínas do Galut sejam feitos no espírito do socialismo e da renovação da produtividade do povo judeu. A vida nova de uma nação exige em troca também uma sociedade nova. É cabível pensar em subjugar o povo, que conquistou a sua liberdade após uma guerra bastante difícil, ao domínio capitalista? É compreensível que o povo que primeiro forneceu à humanidade os ideais de justiça e de liberdade - tenha temor de realizá-los praticamente? Salvará este povo a própria putrefação da Europa destruída e decadente para implantar em sua nova terra a vergonha do jugo e da exploração?

Queremos ar puro para respiração livre para todos. Queremos vida livre para o povo libertado. Queremos que o novo lar seja construído sobre bases sadias e que haja nele lugar, igualdade de direitos e li-

(Cont. na pg. 12)

Chaim Arlosoroff...

(Cont. da pg. anterior)

berdade de ação para todo aquêles que deseja e é capaz de traduzir.

(O Socialismo Popular dos Judeus)  
(tomo III pg.18 ano 1919)

Terra e trabalho! Terra e trabalho nas mãos do povo! Estas são as duas grandes exigências que nós somos obrigados a reivindicar. Não são classes que reivindicam mas é o povo quem exige. Não reconhecemos as lutas de classe, não confessamos nenhum socialismo de classe - e não queremos tão pouco reconhecê-los. Portanto, nós não exigimos direito de classe e sim direito de homem. E assim como nós chegamos em nome da ideia nacional ao estudante da universidade tão bem como ao operário, ao comerciante tão bem como ao artífice, ao ginasta tão bem como ao professor; e assim como todos eles atenderam ao nosso chamado e de todas estas fileiras surgiram os primeiros chlutzim que vieram a Eretz e nela morreram - assim também a nova pátria deve lembrá-los agora.

Desta renovação completa aspiraremos a força da qual necessitamos para nossa futura criação na cultura universal. Nosso povo já criou obras possantes. E, ultimamente estamos voltando à mesma fonte. Apli-ca-se a nós o provérbio de Anteós: "E o gigante tocou mais uma vez em sua mãe (terra) e suas forças recomeçaram a crescer".

(Vida Nova - tomo III - pg.12 - ano 1918)

#### Métodos de realização

É um bem fundamental do Ishuy hebraico em Eretz, e especialmente da comunidade obreira, que eles vêm no trabalho o método principal da realização do sionismo. A obra construtiva diária, na qual todos estamos aprofundados nos 350 dias úteis do ano, parece-nos a principal missão do sionismo não depende de acharmos consoladoras definições políticas; reconhecemos que as próprias relações da Golá hebraica com Eretz Israel não dependem das manifestações entusiásticas originadas por alguma revolta política, mas sim da compreensão sincera dos fatos que de terminam a realidade de nosso trabalho em Eretz.

A realidade que se nos antepõe no momento atual com toda a sua clareza - é aquela realidade que todos nós bem conhecemos. Diante de nós temos a nossa pequena e pobre terra cujas forças produtivas ainda não se desenvolveram por completo e cujas riquezas naturais não jorram e abundam. E para esta terra nós impulsionamos de ano em ano a Aliá judaica. A Aliá vem da Golá hebraica com o seu espírito e caráter próprio, e nós nos esforçamos por arraigá-la ao solo e tomá-la pelo trabalho, desenvolvendo e ampliar todas as possibilidades de trabalho e absorção da constante corrente de olim que entra em Eretz - esta corrente que para a nossa felicidade atinge há ano e meio a milhares em cada mês.

Essa realidade na qual nossa ação está empenhada - significa: que o processo da colonização judaica de Eretz Israel poder-se-á realizar só por um movimento constante de ascensões e quedas. Ainda que as condições sejam as mais ideais possíveis não se pode fugir a esta oscilação permanente, e nós, que ligamos a nossa vida a esta terra e à sua construção, somos obrigados a saber que não existem aqui "crises" inesperadas mas somente um ritmo normal de trabalho de construção da terra. Durante todo este período em que se estender esta aliá constante da Golá e de nossa colonização em Eretz, seremos forçados a passar por interrupções: de um período de ampliação para um período de constrangimento, de um período de paz para um período de preocupação e temor. Este fenômeno é comum a todos os países, mesmo aos mais ricos e poderosos, e as modificações do hábito econômico, períodos de fartura e perí-

(Cont. na pg. 14)

ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DE TEL-AVIV

Comemora-se neste mês o aniversário da fundação de Tel-Aviv, a cidade inteiramente judia. Foi fundada um pouco antes da primeira grande Guerra Mundial e é hoje a mais moderna e adiantada cidade do Oriente Médio, estando destinada para um desenvolvimento ainda maior no futuro.

Um grupo de judeus, residentes em Jafa, adquiriram um pedaço de terra entre as dunas de areia na parte nordeste da cidade e aí construíram um subúrbio onde se pudesse viver em melhores condições sanitárias. O desenvolvimento foi tão grande que, hoje, um visitante tem a impressão que Jafa, com suas construções e "melhoramentos urbanos" árabes, é realmente um subúrbio de Tel-Aviv.

Os mais diversos ramos da indústria aí se desenvolvem, como: extração de suco de frutas, lapidação de diamantes, fabricação de cigarros, tornando Tel-Aviv, ao par de Haifa, a primeira cidade industrial de Israel. Uma considerável parte de sua indústria está localizada no subúrbio de Ramat-Gan, onde existem fábricas produzindo seda, utensílios de cozinha, refrigeradores, móveis, sapatos e matéria plástica. Há também uma indústria química que produz soda cáustica, fertilizantes, pasta de dentes, tintas e outras substâncias. Na sua maioria, estas fábricas são ainda pequenas, mas estão se desenvolvendo rapidamente e de uma maneira altamente satisfatória.

Nove jornais são impressos diariamente, grande é o número de revistas e o número de livros editados anualmente é simplesmente fabuloso.

Atualmente o desenvolvimento industrial de Tel Aviv está passando os limites da cidade pois que as duas mais velhas colônias judaicas - Petach Tikva e Rishon Lezion - parecem destinadas a se tornarem seus subúrbios industriais.

Como cidade de turismo, Tel-Aviv fornece aos seus visitantes divertimentos agradáveis como jogos esportivos, exibições de artigos comerciais, etc. O "carnaval", festejado em Purim, traz grandes multidões de todas as partes do país e atrai também gente de todas as partes do mundo. Efetua-se ainda, cada dois anos, uma grande competição esportiva - a Macabiada. Uma outra realização importante é a feira industrial, onde os produtos de Israel e de muitos outros países competem para o desenvolvimento do mercado de Israel.

Tel-Aviv com seus 99% de judeus é a cidade mais internacional do mundo. Os judeus aí residentes vem de todas as partes do mundo e falam as mais variadas línguas; cerca de 71% de sua população nasceu em países estrangeiros. A maioria veio da Polónia, Rússia e Alemanha. Agora, com o renascimento do hebraico, língua já não falada desde a expulsão dos judeus de Judá, nasce uma nova cultura judaica. Quando há tempos atrás tentou-se fazer com que o alemão fosse língua oficial da Universidade - a Politécnica - e consequentemente do país, houve uma resistência intensa. Milhares de protestos levantaram-se de todos os judeus de Eretz e da Golá e, depois de muita controvérsia, graças à perseverança de hábeis professores que dotaram a velha língua de todos os requisitos da língua moderna, o hebraico começou a ser a língua oficial de todas as escolas e pouco a pouco penetrou na vida diária das comunidades judaicas. Os jornais de Tel-Aviv, seus teatros, tudo ajuda a disseminar grandemente a nossa língua arcaico-moderna.

Aparentemente, Tel-Aviv é uma verdadeira cidade americana, principalmente ao compara-la com Jafa em sua aparência essencialmente árabe, sem as alrgas, limpas e bem tratadas avenidas e ruas de Tel-Aviv com sua população europeia e suas modernas residências. (&)

Acima de tudo, Tel-Aviv é a cidade essencialmente judaica, onde sábado tudo está fechado e a alegria é patente; é a cidade-orgulho de todo o Oriente Médio.

(&) NOTA: Notícias recentemente chegadas de Israel informam que Jafa começou a ser reconstruída seguindo um  
(Cont. na pg. 14)

## M A P A I

O PARTIDO DA CLASSE OBREIRA. - O PARTIDO DO POVO.

Mapai é o partido HISTÓRICO da classe obreira judaica, é o partido dos Pioneiros em todas as esferas da ação Socialista e Progressista. É o partido de todas as formas de vida e de todas as esferas de atividade do povo trabalhador. É o partido da cidade e do campo, e talvez o único partido de todas as formas de nossa colonização: Kibutz, kvutza e Moshav. É o partido dos trabalhadores industriais e das profissões livres, tão bem como do proletariado sem classe que está tratando de criar um standard profissional e de vida decente.

Mapai está constituído com a experiência de gerações de construtores e orientadores e os conhecimentos acumulados pela classe obreira judia através da construção, do pensamento e da ação desenvolvidas em procura de seus ideais. Na cidade e no campo, a trajetória de luta e a atividade do MAPAI é uma garantia de sinceridade de propositos, de valor resolutivo, de realização de seus planos e de eficácia para a construção do futuro.

e

Figurinhas... (Cont. da pg. 10)

É uma função direta da forma dos quadradinhos... Por exemplo, aquê da festa da Gvat: uma obra prima de discurso! Os quadradinhos eram todos bem quadrados e acima de tudo: eram dotados do "moto contínuo"; não cessavam de impulsionar o orador, fazendo com que ele não parasse de andar.

Felizes os que entendem os quadrados! (Não é Richard?...)

Chaim Arlosoroff... (Cont. da pg. 12)

odos de necessidades - são características fundamentais de tais países. Nas condições específicas de Eretz Israel é forçoso que as ascensões e quedas sejam mais notórias que em quaisquer outros países grandes e ricos.

(A Situação Econômica do Ishuv) (Tradução da kvu)  
(tomo II - pg. 25-6 - ano 1926) (tzá A.D. Gordon)

Aniversário de Tel-Aviv... (Cont. da pg. 13)

plano especial. Já se vêem nela as alvas casas de Tel-Aviv e num futuro próximo desaparecerão seus bécos imundos e suas ruas tortuosas permitindo uma extensão de Tel-Aviv para o Sul. Assim, a nossa principal cidade dobrará de superfície e abrigará, num futuro próximo, cerca de 600.000 pessoas.

MAPAI CRÊ NA REINTEGRAÇÃO DA MAIORIA DO POVO EM ISRAEL. É O SUPREMO DEVER DE NOSSA GERAÇÃO RESGATAR AS MASSAS JUDAICAS, EDUCÁ-LAS E ABSORVÊ-LAS. O SPIRITO PIONEIRO, NÃO DEIXOU DE SER NECESSÁRIO COM A DECLARAÇÃO DE NOSSA INDEPENDÊNCIA; É AGORA UMA NECESSIDADE MAIS VITAL DO QUE NUNCA.

*Chaver fisicamente preparado dificilmente encontrará sérios obstáculos.  
O Chaver espiritualmente preparado jamais encontrará obstáculos.  
A HACHARAARA PREPARA O CHAVER FÍSICA E ESPIRITUALMENTE.*